

A DEMOCRATA

ENTREVISTA

SEBASTIÃO BUGALHO

**"OS POLÍTICOS QUE SÃO CAPAZES DO MELHOR
E DO PIOR EM MUITO POUCO TEMPO
OBRIGAM SEMPRE A QUE NOS PERGUNTEMOS:
ESTARÃO A DIZER A VERDADE SOBRE
O QUE PENSA? EU TENHO MUITAS DÚVIDAS"**

Pág. 12

CÂMARA ALTA

"Está na Hora"

por Pedro Duarte

Pág. 6

SÃO CAETANO ÀS LAPAS

**"Uma escola para o corpo
e para a alma"**

por Francisco Camacho

Pág. 8

ENSAIAR O FUTURO

"O futuro da economia"

por Inês Domingos

Pág. 24



EDITORIAL

Ao meu País

Este início de ano é sinónimo de eleições legislativas. Vejo que os únicos partidos com vontade de apresentar soluções para o país são o PSD e o CDS, agora juntos na nova Aliança Democrática. A convenção que fizeram neste mês de janeiro é disso exemplo.

Ali esteve em cima da mesa o verdadeiro "Portugal por inteiro". Debates sobre a saúde, a habitação, o ensino superior, a educação, a agricultura, finanças e economia, as relações com a Europa e com o mundo. Aquilo, sim, foi política, porque se quis demonstrar que existe uma alternativa capaz de alterar este status quo miserável em que vivemos.

Continuamos a demonstrar um caminho diferente do que foi trilhado pelo PS com um pacote diferenciador para a nossa economia, construído pelos melhores economistas do país. Gostava de ver este pacote a ser discutido a sério no comentariado.

As eleições servem para criar novos rumos, propor novas dinâmicas e a AD tem feito isso mesmo. Infelizmente estamos muito captados pelo acessório. O essencial não tem destaque, só os temas laterais e comunais o têm. A pergunta que fica é: isto beneficia quem?

É que os Portugueses não vivem bem! E precisam de ser esclarecidos de forma séria pelas políticas que são apresentadas e não pela espuma dos dias já de si envenenada por agendas que não põem Portugal à frente.



LUÍS NUNES DOS SANTOS
DIRETOR

FICHA TÉCNICA

Proprietário: PSD | Partido Social Democrata NIF: 500835012
Registo na ERC: n.º127932
Editor: JSD | Juventude Social Democrata NIF: 500835012
Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa – jsd@jsd.pt – www.jsd.pt
Director: Luís Nunes dos Santos
Redação: Rua Ricardo Espírito Santo 1, R/C Dto., 1200-790 Lisboa
Impressão: GRAFISOL – Artes Gráficas – Rua das Maçarocas
Abrunheira Business Center n.º 03 – Abrunheira – 2710-056 Sintra
Periodicidade: Mensal
Tiragem: 100

Todos os direitos reservados. Interditada a reprodução, mesmo que parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios e para quaisquer fins, designadamente comerciais.

A DEMOCRATA

ÍNDICE

MOULES AVEC FRITES
Pág. 4

BIFES À SÃO BENTO
Pág. 5

CÂMARA ALTA
Pág. 6

SÃO CAETANO ÀS LAPAS
Pág. 8

DO PONTAL ATÉ À LAPA: CRÍTICA CULTURAL
Pág. 10

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA
Pág. 12

LARANJA MECÂNICA
Pág. 18

JSD LOOK & FEED
Pág. 22

AGENDA
Pág. 23

ENSAIAR O FUTURO
Pág. 24

RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM
Pág. 28

FAZER A DIFERENÇA
Pág. 29

LOJA JOTA
Pág. 30

SOBE E DESCE



JOSÉ MOURINHO

MALÓ E RUI CRISTINA

FICOU PARA A HISTÓRIA

"A tragédia e a sátira são irmãs e estão sempre de acordo, consideradas ao mesmo tempo recebem o nome de verdade."

Fiódor Dostoiévski
Escritor, filósofo e jornalista do Império Russo



Alexandre Poço
Presidente da JSD

2024: UM ANO COM MUITAS FRENTEIS ELEITORAIS

Portugal, Taiwan, Irão, Rússia, Índia, União Europeia, Reino Unido e EUA. 2024 será ano de eleições nestas 8 importantes geografias num total de mais de 60 países que vão a votos. Metade da população mundial será chamada a escolher representantes e lideranças este ano.

Em Taiwan, na eleição de 13 de janeiro venceu William Lai Ching-te, que a China considera um perigoso separatista. No Irão, o Ayatollah Ali Khamenei procurará consolidar o seu poder, num país assolado por protestos na sequência da morte de Mahsa Amini às mãos da polícia. Recentemente, o apoio iraniano ao Hamas voltou a ganhar visibilidade após os ataques terroristas de 7 de outubro em Israel.

A Rússia vai a votos em março numa eleição de vitória certa para Putin. As 4 regiões ocupadas da Ucrânia devem ser incluídas na eleição. Vencendo, Putin, de 71 anos, ficará no cargo até 2030, ano em que completará três décadas no poder. Em abril, a Índia, a maior democracia do mundo vai a votos, pode reeleger Narendra Modi para um terceiro mandato, numa eleição em que a oposição se deverá juntar numa mega coligação para tentar derrotar Modi e o BJP.

A União Europeia será também chamada a votar para o Parlamento Europeu, com o espectro da extrema-direita a crescer um pouco por toda a Europa. No Reino Unido, é quase certo o fim do consolado conservador de 14 anos no número 10, Downing Street, numa eleição ainda sem data, mas que dificilmente escapará a Keir Starmer, líder trabalhista.

Quase no final do ano, teremos o grande ato eleitoral de 2024, num esperado second round de Biden vs. Trump, naquele que será um enorme teste à democracia e ao sistema constitucional americano, em contexto de crescente divisão e polarização entre os americanos. Por cá, temos Eleições Legislativas de 10 de março. Eleições não faltarão em 2024!



MOULES AVEC FRITES

Hugo Lopes



PLACAS DE INAUGURAÇÃO

Quem nunca viu uma placa de inauguração de uma obra? Quando vamos a um jardim, museu, anfiteatro ou outro empreendimento, somos não poucas vezes confrontados com uma placa de inauguração. Esta placa menciona, regularmente e em letra grossa, o nome do Presidente da Câmara local e, talvez, o de um membro do governo. Contudo, raramente reparamos no símbolo da União Europeia (e do FEDER, em particular) que consta do canto, em tamanho reduzido. O canto para onde é remetida a União diz-nos muito sobre responsabilização política.

Quando algo vai contra a vontade geral da sociedade, os atores políticos tendem a responsabilizar outras instâncias, nomeadamente os burocratas de Bruxelas. Quantas vezes os agentes políticos acusaram políticas impostas pela União Europeia? Todos nos lembramos da “troika”. Porém, quantas vezes partilha os louros das boas políticas públicas com a União Europeia? Ninguém fala da liberalização do mercado rodoviário, que resultou na entrada da FlixBus em funcionamento em Portugal, como uma (boa) imposição da “troika”. Como dizia John Kennedy, “a vitória tem mil pais, mas a derrota é órfã”. Quando corre bem, foi graças a nós. Quando algo corre mal, a culpa é dos outros.

A larga maioria do investimento público português deve-se a financiamento europeu. Mas apresentamos uma das taxas de abstenção mais elevadas em eleições europeias. Os desafios comunitários são hoje, num mundo aberto e global, também os desafios de Portugal. A crise pandémica e a inflação resultante da guerra da Ucrânia são exemplos disso mesmo. Nos próximos anos, há decisões políticas relevantes a tomar e que podem ter um impacto no dia-a-dia de cada cidadão. Em período de pré-campanha legislativa, estes temas são

relegados para canto, como o símbolo da União Europeia nas placas de inauguração. Mas são, hoje, mais importantes do que nunca. A vitalidade do projeto europeu implica um esforço redobrado no desenvolvimento de políticas que fortaleçam a intervenção das novas gerações numa Europa que se quer unida na sua diversidade.

A quatro meses das eleições europeias, não é menos importante recordar os desafios do projeto comunitário – que, pela primeira vez, terá um círculo transnacional em vigor. Em primeiro lugar, os conflitos a leste europeu e no médio oriente. Em segundo, a estabilidade do projeto europeu no pós-Brexit. É necessário encontrar um equilíbrio entre a entrada de novos Estados e a permanência dos atuais. Em terceiro, dar uma resposta aos fluxos migratórios e aos pedidos de asilo ainda em espera. Em quarto, aprofundar de forma drástica as políticas de coesão social, territorial e económica, o empreendedorismo e a competitividade para aumentar salários e melhorar serviços públicos e ainda o combate às alterações climáticas. Não esquecendo, no entanto, o desafio populista e eurocético que procura detonar as instituições políticas por dentro.

A geração “made in Europe” – que nasceu e viveu em liberdade, na Europa da paz e das fronteiras abertas – é aquela que mais pode beneficiar com o sucesso do projeto comunitário. Veja-se o sucesso dos programas Erasmus+ e DiscoverEU, bem como o papel dos Corpos Europeus de Solidariedade. Ou até a criação de emprego e a estabilidade laboral e remuneratória, que estão no centro do “EURES”, o qual, em condições semelhantes ao Erasmus, pode garantir um fácil acesso dos jovens até aos 35 anos ao seu primeiro emprego. Cabe a esta geração dizer presente para garantir o seu futuro.

BIFES À SÃO BENTO

Clara Marques Mendes



O (DES)GOVERNO SOCIALISTA

É muito grande e injusta a degradação da qualidade de vida da generalidade dos portugueses.

Primeiro, porque o custo de vida na alimentação continua a ser um pesadelo, com a subida de preços da generalidade dos alimentos. O que penaliza toda a gente, mas penaliza em particular as famílias mais carenciadas. Tudo isto é grave!

Mais grave, porém, é que o Governo prometeu apoiar as famílias mais desfavorecidas e os apoios que se conhecem são curtos, reduzidos e insuficientes. Falta justiça e consciência social!

Depois, em segundo lugar, porque a habitação continua a ser um drama social para milhares de famílias. E não é apenas para o conjunto de famílias que tem sérias dificuldades em pagar a prestação da casa no crédito à habitação.

É muito mais do que isso. É o drama dos jovens e de outros menos jovens que não conseguem uma casa para arrendar a preços acessíveis, porque ao longo destes últimos anos a inação do Governo contribuiu para que os preços no domínio da habitação estejam hoje em níveis verdadeiramente proibitivos e alarmantes. Falta justiça e consciência social!

Em terceiro lugar, é a degradação que se vive na educação.

Um ano letivo inteiro de insensibilidade e guerrilha da parte do Governo contra os professores deu nisto: falta tranquilidade na educação; faltam professores motivados; falta normalidade na escola pública; e, como se tudo não fosse já humanamente grave, chegamos a esta fase do ano letivo e ainda há milhares de alunos que não têm professor a, pelo menos, uma disciplina. Tudo a somar aos maus resultados que os rankings internacionais evidenciam, como se viu no recente relatório do PISA.

É a completa irresponsabilidade e incompetência na liderança do Ministério da Educação!

Em quarto lugar, é a degradação social sem precedentes que se vê no Serviço Nacional de Saúde.

Ao fim de 8 anos, nunca se viu uma situação tão grave e tão desesperada. O que se tem passado com as urgências é inaceitável! Do lado dos utentes, é o desespero de horas e horas de espera numa urgência. Do lado das famílias, é a angústia transformada em prática do dia a dia. Do lado do Governo, é uma mistura explosiva de incompetência e insensibilidade.

Falta justiça, falta visão, falta organização e falta consciência social! Claro que as pensões subiram, os salários da função pública aumentaram e o Salário Mínimo Nacional cresceu. É o mínimo dos mínimos. Mas a verdade é esta: a melhoria de salários e pensões não dá sequer para suportar o aumento do custo de vida na alimentação, quanto mais para acudir às muitas outras despesas do dia a dia, incluindo as novas despesas que milhares de portugueses têm com o recurso aos seguros privados de saúde.

Sim, é verdade. Há milhares de portugueses que, apesar das suas sérias dificuldades financeiras, tiveram de contratar um seguro privado de saúde, porque o Estado e o Serviço Nacional de Saúde não respondem a tempo e horas. É terrivelmente injusto, mas é infelizmente verdade.

O que está a suceder em Portugal não é culpa da pandemia, das guerras na Ucrânia ou no Médio Oriente.

A culpa desta situação tem um nome: o Governo socialista que há oito anos desgoverna o país, não é capaz de combater a pobreza e cria maiores desigualdades sociais.

As vítimas desta situação têm rosto: são milhões de portugueses, muitos dos quais votaram no Partido Socialista e que hoje se sentem desiludidos.

A resposta a esta situação legítima uma vontade e uma necessidade: a vontade de mudar de governo e a necessidade de uma alternativa. Essa alternativa é o PSD!

Em nome da justiça e da consciência social! Em nome de Portugal e dos portugueses!



CÂMARA ALTA

ESTÁ NA HORA

Por Pedro Duarte

Há um comodismo revoltante de quem perdeu a ambição de lutar pelo futuro do seu País.

Portugal tem ficado para trás. Andamos há demasiado a encanar a perna à rã, como diz o nosso povo. Desde a adesão ao Euro, pelo ano 2000, que a economia está estagnada e somos paulatinamente ultrapassados por vários países de leste que se libertaram do comunismo e de um atraso quase medieval há apenas três décadas. Parece que o próximo será a Roménia, um dia destes...

O que impressiona neste definhamento é uma cultura de resignação que se instalou nos nossos governantes, nos nossos académicos, nos donos e gestores das grandes empresas e na suposta "elite" do País. Há um comodismo revoltante de quem perdeu a ambição de lutar pelo futuro do seu País. Na verdade, opção daqueles que mais têm condições para protagonizar a mudança e a ambição no País parece clara: encostemo-nos ao poder resignados e submissos e, quanto ao futuro, mandamos os filhos para fora onde poderão realizar-se pessoal e profissionalmente.

O meu desencanto com as elites é, felizmente, apenas uma constatação e um lamento. São gerações de gente menor, sem espírito solidário, nem ética comunitária. Para nosso infortúnio, têm mandado neste País, no plano político, científico e económico.

Mas, como em quase tudo na vida, há uma oportunidade para transformarmos as nossas fraquezas em forças. A cobardia e egoísmo de determinadas gerações deve ser potenciado para a afirmação imediata de uma nova geração.

Está na hora da denominada «geração Z» assumir a sua responsabilidade. E assumir a missão de criar um novo espírito comunitário e de ajudar a definir novos desígnios coletivos para o País. Pode não ser fácil remover poderes instalados, mas todo o esforço terá um imenso valor patriótico. Precisamos de renovar e rejuvenescer as nossas elites.

Esta Geração Z, também conhecida pela geração dos

Zoomers, é habitualmente definida como o grupo de pessoas nascidas algures entre meados da década de 1990 e o início da década de 2010. São a primeira geração a crescer com a Internet, com as redes sociais e com os smartphones, como parte do seu quotidiano. São também a geração mais informada, instruída e socialmente consciente da história. Estes jovens valorizam a autenticidade, a criatividade e a justiça social. Não têm medo de desafiar o status quo e gostam da mudança, quando lhes parece adequado. São também mais empreendedores, colaborativos e adaptáveis do que as gerações anteriores. Aspiram a ter carreiras e vidas "com significado" (o que é diferente de sucesso), a crescimento pessoal e a um impacto positivo no mundo.

São uma força poderosa para a mudança social e política. É mais provável que votem, protestem e façam campanha por causas que lhes interessam, como as alterações climáticas, a igualdade racial ou de género e os direitos humanos, do que pela "politi-quice" dos ataques tribais entre os políticos do costume.

São também mais vocais e determinados na exigência de responsabilidade e transparência por parte dos governos e das empresas. Esperam que os líderes sejam éticos, empáticos e inclusivos. E, profissionalmente, procuram trabalhar para organizações que se alinhem com os seus valores e ofereçam oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento.

É uma geração cada vez menos alinhada com as instituições estabelecidas, mais disposta a tornar-se ativista e a exercer o seu poder político e económico, colocando especial enfoque em temas como as injustiças sociais e as políticas de identidade, de género e de combate às desigualdades económicas.

O País precisa muito de um choque que promova estes valores, estes princípios e estas atitudes. Está na hora desta geração se chegar à frente.



SÃO CAETANO ÀS LAPAS

UMA ESCOLA PARA O CORPO E PARA A ALMA

Francisco Camacho

Este amável convite da JSD, que muito me honra, fez-me partir numa viagem a um lugar do passado. Poderia aqui escrever, talvez como seria expetável, sobre a minha experiência pré e universitária, mas optei por um lugar que ajudou a moldar invulgarmente a pessoa que sou hoje, delimitando parcialmente o meu quadro de valores e a minha grelha de leitura.

Mal fui desafiado para esta colaboração, não precisei de pensar muito para escolher o espaço que dá vida a este texto: o Centro Militar de Educação Física e Desportos.

Com a sigla CMEFD, esta instituição significou para mim, na devida proporção, o mesmo que para milhares de militares portugueses: uma escola para cuidar do corpo e da alma. Cuidou do corpo quando preparou a tantos fisicamente. Cuidou na alma quando inculuiu em todos valores para a vida.

O CMEFD foi um estabelecimento de ensino do Exército, que desde 1911, formou gerações de militares, quer na arte equestre quer em outras práticas desportivas vocacionadas para a ação militar. Educação física, orientação, esgrima, natação e tiro desportivo. O CMEFD estava sediado em Mafra e administrava a Tapada Militar de Mafra (hoje mantém-se sob outra designação, Escola de Armas).

A minha ligação ao CMEFD veio pelo meu pai. Militar de carreira, esteve lá 21 anos. A partir de 1997, nos meus quatro anos (dois, no caso do meu irmão) passámos a ir às festas de Natal do CMEFD e, depois, pela Páscoa e no Verão.

Beneficiámos do convívio e presença de animais do campo, que os crianças da cidade - como era o meu caso - não viam com regularidade. Aprendemos, desde cedo, a lidar com cavalos e tivemos instrução de equitação com pessoas notáveis. Lembro os Sargentos José Félix (recentemente falecido), Luís Matos e Dinário Seromenho - que foi Comissário Assistente no último Campeonato do Mundo de Equitação.

Apesar das balizas militares, esta experiência foi feita num quadro de enorme liberdade - liberdade para brincar, projetar o que poderíamos ser (em função das referências que se apresentavam naquele contexto de serviço), mas também de uma enorme liberdade de movimentos nas instalações sociais do Centro. Por exemplo, recordo-me da facilidade com que podíamos usar parte desportiva das infraestruturas; a curiosidade com que explorávamos a Tapada Nacional de Mafra, em todos

os seus recantos, ou, mais pontualmente, a oportunidade fazer slide e rapell na "Aldeia de Camões" ou na Foz do Rio Lizandro (já foram das instalações).

Foi também naquela unidade militar que assisti a dois movimentos opostos no campo da sustentabilidade: além do evidente respeito pelos animais, em especial de grande porte, havia um movimento militar ecológico forte - a reciclagem era constante, a economia circular conduta permanente e o tratamento de resíduos para efeitos de combustão tinha lugar num projeto-piloto muito prometedo; em 2003, estava naquele local quando ocorreu o trágico incêndio na Tapada de Mafra, que perdurou 4 dias e dizimou 576 hectares.

Vivi muito aquele centro militar, participando em atividades como a "Semana de Mafra", pensada para as férias de Verão dos filhos e amigos de militares do Centro e da Escola Prática de Infantaria - um internato de enquadramento militar: dormíamos nas casernas, comíamos no refeitório, tínhamos atividades de aplicação e treino físico, tudo em horário e "regime" militar. Também por isso que posso dizer que testemunhei o ambiente de uma unidade militar, incluindo formaturas e cerimónias como a Semana Equestre Militar.

Politicamente, acabei por assistir à grande mudança que as Forças Armadas tiveram com o fim do Serviço Militar Obrigatório. Em 2004, naturalmente sem grande noção quanto ao impacto, no presente, sem reservas quanto ao passo que foi concretizado por um governo PSD-CDS, assisti a uma mudança que me parecia drástica: os espaços movimentados outrora por centenas de oficiais, sargentos e praças foram, a partir do ano do Europeu de Futebol, progressivamente readaptados às necessidades de um quadro militar permanente, brutalmente menor e mais especializado.

Em 2013 o CMEFD foi desativado, com a criação da Escola das Armas. Mas tudo o que se traduziu na minha vivência continua vivo. Os valores de Disciplina, Honra e Respeito enraizaram-se. Tal como o património de Serviço, Cadeia de Comando, Camaradagem, Espírito de Grupo e Combate, que me segue para onde eu for, em casa, no trabalho, na política, na vida.

Ao terminar esta memória, recordo-me do tanto que está por fazer pela forças de defesa e segurança nacionais. Saibamos, no tempo certo, retribuir o tanto que nos dão. Estou certo que os honraremos.



Haruki Murakami

Escritor e tradutor japonês. O Autor é sucesso de vendas no Japão e internacionalmente. Recebeu inúmeros prémios, incluindo o World Fantasy Award, o Frank O'Connor International Short Story Award, o Prémio Franz Kafka e o Prémio Jerusalém.

As suas obras são frequentemente surrealistas, melancólicas e fatalistas, marcadas por um estilo kafkiano com "temas recorrentes como alienação e solidão". Steven Poole, do The Guardian, elogiou Murakami dizendo que se trata de "um dos maiores romancistas vivos" por seus trabalhos e realizações.

DO PONTAL ATÉ À LAPA

CRÍTICA CULTURAL

Não foi ingénua a escolha deste livro que vos trago, pois Murakami descreve habilmente o que é estar dentro de uma "tempestade de areia, cuja rota sempre se altera. Nós procuramos fugir dela e orientamos os nossos passos noutra direção. Mas é então que a tempestade também muda de direção e nos segue".

O PSD tem vindo a alertar: Estamos a perder futuro! Porém, a máquina de propaganda socialista tem escondido ferrenhamente esta realidade. Mas nada temam porque os jovens a partir dos 18 anos vão ter um passe intrarail

e estadia em pousadas de juventude. Foi isto que pedimos?

Os portugueses conheceram este mês a estimativa do Observatório de Emigração que indicou que 30% dos nascidos em Portugal com idades entre os 15 e os 39 anos foram forçados a abandonar o país e vivem atualmente no exterior. Digo "forçados a abandonar" porque ninguém sai voluntariamente de um país que ama.

E o que significa amar um país? Qual o extremo sentimento que leva um jovem português a abandonar o lugar a que chama de CASA?

Romper com a tempestade de areia

de Haruki Murakami, por Raquel Soares Lourenço



Nos últimos 8 anos, abateu-se sobre nós uma tempestade de areia, que condicionou radicalmente as nossas vidas, assombrou os jovens do meu país e cujas consequências estamos hoje a assistir.

Murakami parece aproximar-se quando narra a fuga de Kafka Tamura da casa dos pais para ir viver para uma biblioteca longe de casa e daqueles que conhece: "Sou livre. Fecho os olhos e penso com toda a minha força na minha nova condição, ainda que não esteja bem certo do que significa. Tudo o que sei é que estou completamente sozinho. Desterrado numa terra desconhecida, como um explorador solitário sem bússola nem mapa".

Esta foi a única forma que Kafka Tamura encontrou para travar o destino que o conduzia inevitavelmente para uma tempestade de areia, mas com a melancolia de estar de longe daqueles que ama. Concomitantemente, enquanto uns conseguem (forçados) fugir da tempestade, outros permanecem nela. Corajosamente põem um pé dentro dela, tapam olhos e ouvidos com firmeza a fim de evitar que se encham de areia e atravessam-na passo a passo até emergir do outro lado. "É muito provável que lá dentro não haja sol, nem lua, nem norte e, em determinados momentos, nem hora certa". É muito provável que não se saia dela ileso.

O socialismo que nos coloca nesta tempestade de areia, é o mesmo que tem hipotecado os sonhos da juventude portuguesa. O socialismo que, na escola pública, cria a desigualdade social. Que não cria habitação jovem nem deixa criar. Que tudo faz para sairmos do nosso país. O socialismo que fala com doces palavras, que inebria, anestesia, ilude, mas destrói o futuro de uma sociedade. A pérfida realidade desse discurso esconde um desejo atroz de uma sociedade onde todos dependem do estado e vivem de mão estendida à espera de algo. Em tudo, um socialismo que hipoteca o sonho e a esperança da juventude portuguesa.

Num sonho pela emancipação, por oportunidades de trabalho dignas, de ambicionar mais do que 950 euros por mês. Vemo-nos obrigados a não poder escolher. E há quem nos chame a geração mais qualificada, mas aquilo que somos, acima disso, é a geração mais prejudicada.

É urgente investir numa valorização das condições de trabalho e dos salários, sobretudo em início de carreira. É urgente investir numa fiscalidade que permita a um jovem prever e planear o seu futuro em Portugal. É urgente socorrer os jovens naquele que é o olho do furacão para a sua emancipação, que é a compra da sua primeira habitação própria permanente.

A geração que arrisca. A geração que inova. Aprisionada. Abandonada. Sem devolução da esperança que depositou. Podemos amar um país idealmente, emoldurando-o para que permaneça fixo numa imagem daqueles que foram ventos de bonança, mas votando nos mesmos que o têm ajudado a afundar. Ou podemos amar um país norteador por novas soluções políticas que o façam emergir e renascer das cinzas. Trazê-lo do fundo e chamar as novas gerações para desenhar e construir o seu futuro.

E não venham agora a correr, dizendo e iludindo a sociedade de que os problemas não são de agora, quando estiveram com estas pastas dia após dia, durante os últimos 8 anos. Quando se está na política é importante traçar um perfil orientado para duas qualidades: profissionalismo e liberdade. Bons profissionais porque só assim conseguimos, nas nossas áreas de prática, dar as melhores soluções para o país e livres na política porque – como dizia o fundador do nosso partido – a política sem risco é uma chatice, mas sem ética é uma vergonha!

Precisamos de políticos sérios que inspirem as novas gerações a regressar a casa e criem as condições para que isso aconteça. Precisamos que se faça democracia no dia 10 de março. Precisamos de UNIR Portugal e REUNIR os jovens portugueses de novo em suas casas, com as suas famílias.

Precisamos de romper com esta tempestade de areia! Esta geração destrutada não precisa de mais cheques em branco, precisa da Aliança Democrática.



“OS POLÍTICOS QUE SÃO CAPAZES DO MELHOR E DO PIOR EM MUITO POUCO TEMPO OBRIGAM SEMPRE A QUE NOS PERGUNTEMOS: ESTARÃO A DIZER A VERDADE SOBRE O QUE PENSA? EU TENHO MUITAS DÚVIDAS”

DIGA LÁ SUA EXCELÊNCIA

ENTREVISTA

SEBASTIÃO BUGALHO

1. Todos sabemos que vivemos numa época que parecer é mais valorizado do que ser, como vai envelhecer o legado dos 8 anos de António Costa como Primeiro-Ministro?

Tudo depende do desenrolar do processo Influencer. E o facto de depender tanto de algo assim já é um legado pesado.

2. Que sinal dá o PS ao país quando escolhe Pedro Nuno Santos para candidato a Primeiro-Ministro depois de este se ter demitido de Ministro há pouco mais de um ano?

Que é pouco original.

3. Portugal é um país que ainda tem uma elevada taxa de pobreza na sua população. O que nos impede de crescer e sair da cepa torta?

Falta de coragem política, de mobilização cívica, de consciência democrática. Um povo conservador como o português precisa de líderes com capacidade de transcender as vontades mais imediatas do seu eleitorado, de projetar um futuro mais do que eleitoral. Precisamos de gente mais focada em fazer do que em satisfazer. Há poucos.

4. Quais devem ser as prioridades do próximo Governo de Portugal?

Preparar Portugal para uma realidade geoeconómica disruptiva. Fazer parte da conversa sobre a Europa depois do regresso de Trump e da possível invasão de Taiwan. Garantir um triângulo entre inovação tecnológica, emprego e investimento em Defesa. Defender o Estado Social para uma década sem taxas de juro negativas. Integrar prestadores de forma a que a prioridade dos serviços públicos seja o output para o utente, não para o partido político. Podemos não ir a Marte, mas podemos ter um engenheiro português que ajudou a construir a nave. Podemos não descobrir a cura para o cancro, mas podemos ter uma cientista portuguesa que esteve na sala quando esse dia chegar. Não temos de ser grandes para fazer coisas boas, e isto não é uma boca para a altura do Alexandre Poço.

5. És um dos comentadores políticos mais jovens da televisão portuguesa, o que vês a acontecer em 2024? Quais são os grandes temas que marcarão este ano?

Se o atual primeiro-ministro ressuscita, se o líder da oposição chega a primeiro-ministro, se o Chega ultrapassa os 30 deputados, se há segunda volta eleitoral, se surge outra frente de guerra, depois da Ucrânia e do Médio Oriente. Temos muito por que esperar.

6. O que podemos esperar do pós-eleições de 10 de março?

Nada de bom.

7. Como antevês os dois últimos anos do mandato presidencial de Marcelo Rebelo de Sousa?

Mais ativos, mais presidenciais. O Marcelo do pós-Costa será melhor do que o Marcelo costista.

8. E na Europa, que também vai a votos este ano em junho, quais as tuas principais preocupações e o que podemos esperar para o ciclo 2024 - 2029?

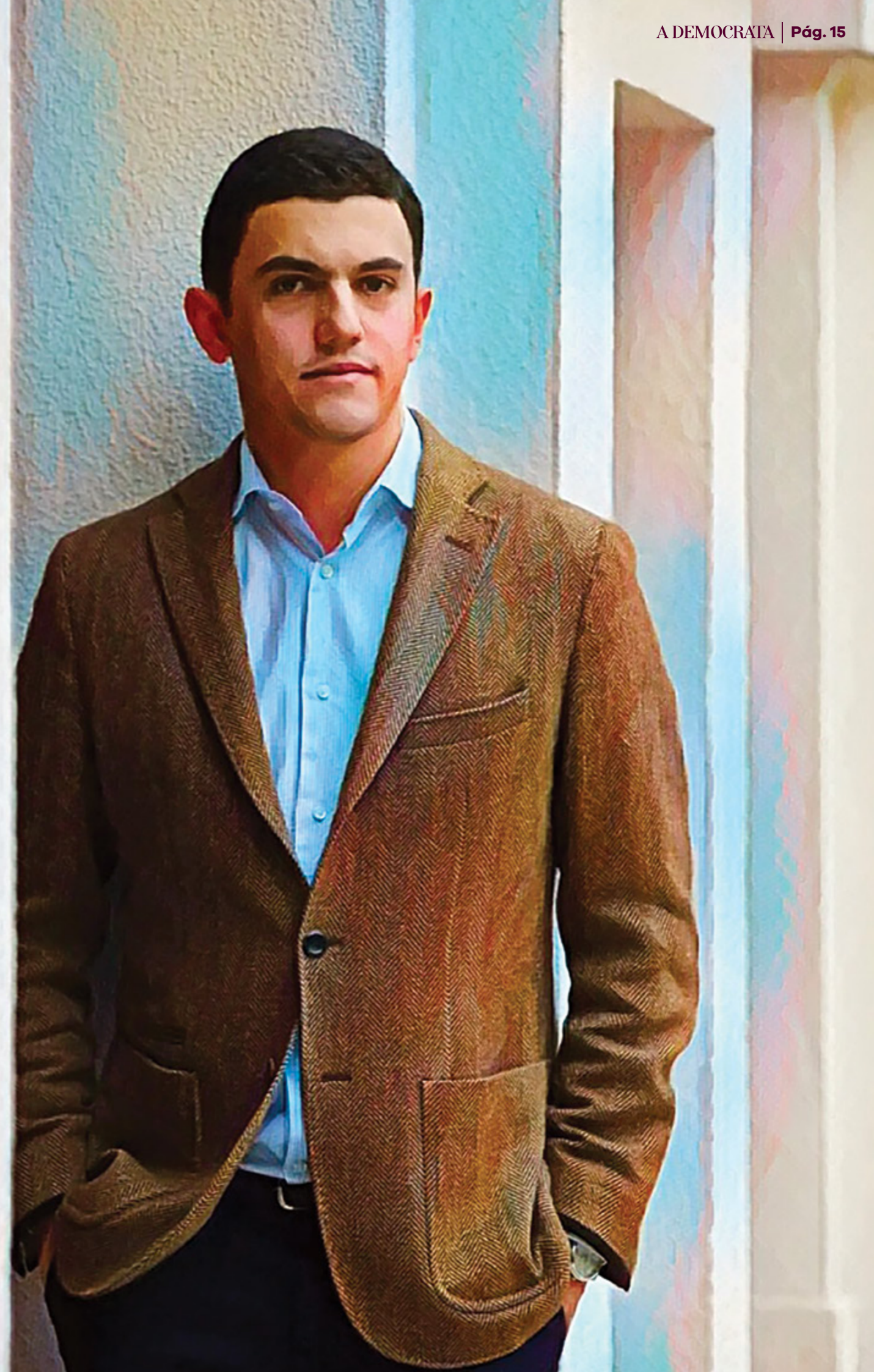
Uma Europa com um novo alargamento ou em vias de alargar será sempre uma Europa com uma arquitetura orçamental diferente, com quadros comunitários de negociação mais desafiante, especialmente para nós, que temos quase 40 anos de Europa e continuamos muito dependentes das verbas da Coesão. Como preservar a natureza constitucional do Estado Social português nesse novo ambiente europeu é o desafio de qualquer futuro primeiro-ministro. Era bom termos noção disso.

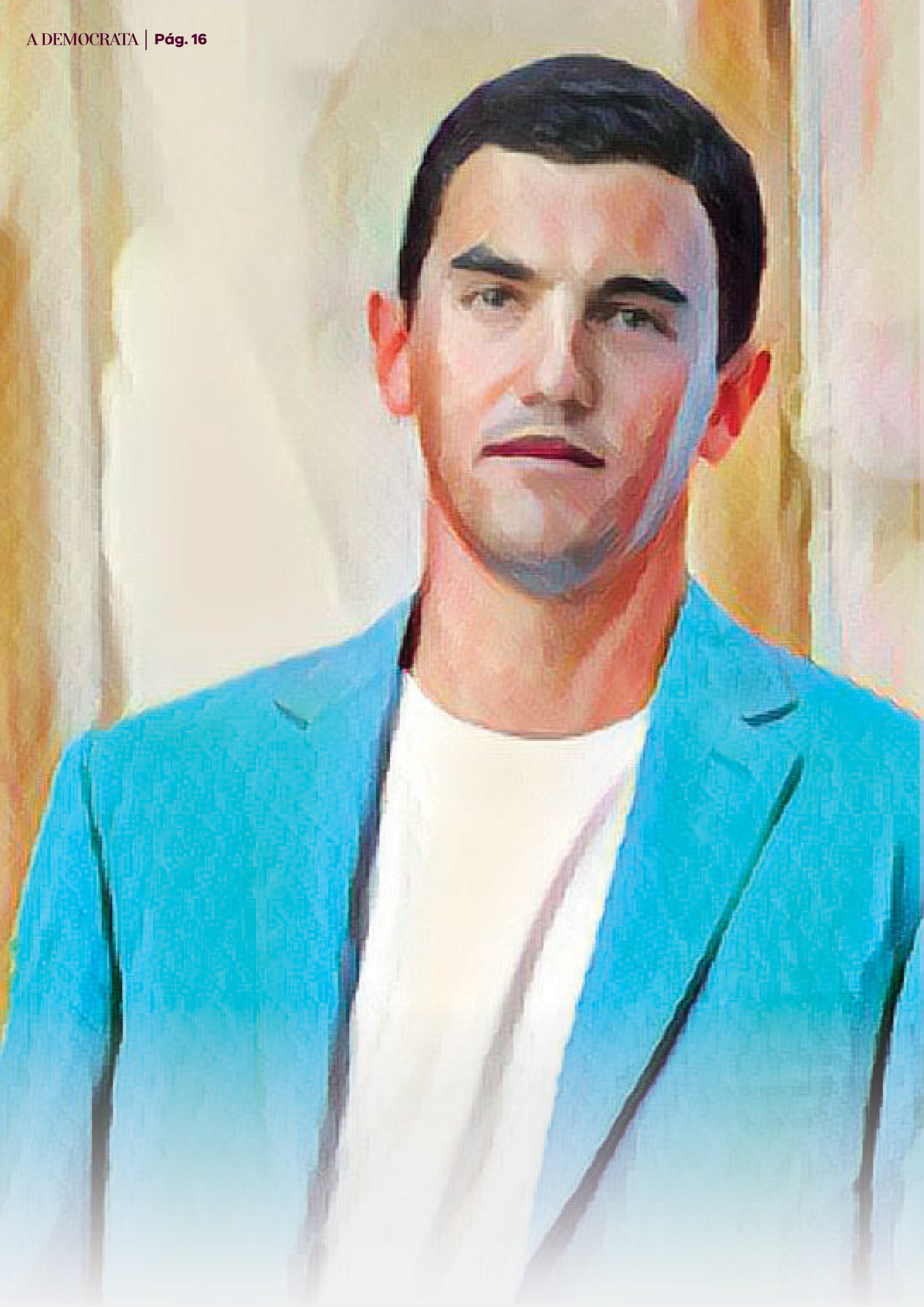
9. Este ano há também eleições nos EUA. Serão as duas guerras em curso – Ucrânia e Médio-Oriente – a ditar o vencedor?

Infelizmente não. É cedo para fazer antevistas sobre a desforra Trump/Biden. Não creio que a arena internacional seja o mais determinante para a escolha de um norte-americano.

10. Consideras que as próximas décadas serão, como muitos preveem, as décadas dos radicais a dominar os governos e os moderados a perder a sua predominância pós-Segunda Guerra?

Não creio. Os radicais estão cada vez mais perigosos porque cada vez mais moderados. Isto é, a sua consistência programática vem-se revelando muito adaptável, o que os torna imprevisíveis num futuro também ele incerto. Vejam a esquerda portuguesa durante a 'geringonça'. Quatro orçamentos, quatro aprovações do tratado orçamental de Bruxelas vindas dos partidos mais eurocéticos do plenário durante a 'troika'. Vejam a sra. Meloni, que deslumbra meia Europa. Vejam a sra. Le Pen, filha de um antissemita, ao lado de Israel. Os





políticos que são capazes do melhor e do pior em muito pouco tempo obrigam sempre a que nos perguntemos: estarão a dizer a verdade sobre o que pensa? Eu tenho muitas dúvidas. Uma maioria crescente de votantes não.

11. Outro tema importante para as democracias é o futuro da comunicação social e do jornalismo. Ainda há salvação perante a longa crise que afeta o setor?

Há. Generalizar os problemas de determinado meio, como se nenhum órgão de comunicação social dê-se lucro, é um erro e uma falsidade. O jornalismo tem uma problema de precariedade e um desafio de sustentabilidade. Nem sempre coincidem proporcionalmente. Idealmente, teríamos mais artistas, mais atores, mais atletas, a sensibilizarem os seus seguidores para determinada reportagem ou entrevista. Era importante reaproximar as gerações futuras dos media. Os podcasts têm um papel importante aí. Tenciono fazer isto até ao fim da vida. Pelo menos 40 anos, era bom que houvesse imprensa.

12. O que se passa hoje com a informação, o seu acesso generalizado e uso por parte dos cidadãos está a prejudicar a democracia?

A informação nunca é inimiga da Democracia. A desinformação é. Por isso é que o bom jornalismo é tão importante e precisa de ser valorizado. Não me passa pela cabeça que os dois principais partidos não tenham propostas concretas sobre esta área para estas eleições.

13. Tiveste uma efémera passagem pela política há alguns anos. É de esperar um regresso a breve ou médio prazo?

Como disse há pouco, tenciono reformar-me como jornalista. Se ainda tivermos direito à reforma em 2064, claro.

SEBASTIÃO BUGALHO
JORNALISTA E COMENTADOR TELEVISIVO PORTUGUÊS



A UV ERA ORGANIZADA POR QUATRO INSTITUIÇÕES: A JSD, O PSD, O INSTITUTO FRANCISCO SÁ CARNEIRO E O CARLOS COELHO

por Paulo Colaço

Consultor de Comunicação e ex-Presidente
do Conselho de Jurisdição Nacional do PSD

LARANJA MECÂNICA

Universidade de Verão:
de Almada a Castelo de Vide.





“UM LÍDER TINHA DE DAR AOS SEGUIDORES O SANGUE QUE AGITA BANDEIRAS”

A Universidade de Verão não nasceu como a conhecemos.

A sua versão moderna realiza-se há já vinte anos e está cheia de traços distintivos. Quem passou por Castelo de Vide deu certamente conta dos mais importantes: os dez grupos, cada qual com a sua cor; os trabalhos, que fazem suar os participantes; os conselheiros e os coordenadores; os avaliadores e todo o diligente staff; os debates oponentes; as aulas e as conferências ao jantar; o momento cultural e o brinde; as perguntas obrigatórias; as simulações de assembleia; a fabulosa intranet; o JUV, jornal da Universidade de Verão; a UVTV, o nosso canal de televisão; os estandartes dos grupos - que são a alma da icónica Gala do Boneco; as avaliações, tanto a quente como a frio; as formas de participação escrita: o “aprendi que”, o “achei curioso”, a “citação”, os “desafios do JUV”; o sempre diferente youJUV; a atualíssima revista de imprensa; e o emblemático Falar Claro.

Quase se perde o fôlego a mencionar estes elementos, que foram surgindo aos poucos no cânone da UV. De edição para edição, evoluindo e impondo-se. Quase sempre por sugestão dos alunos, mas também por inovação da equipa organizadora.

Assim, a primeira edição da moderna UV (2003) foi bem mais comedida do que a edição de 2023. E ainda mais modestas foram as edições pré-históricas, no final da década de noventa. Essas, sim, espartanas. Feitas quase só de formandos, formadores, cadeiras e mesas. Sem mais exigências do que bons temas, bons oradores e camaradagem.

Na sequência de uma longa tradição de formação de quadros que o Carlos Coelho havia legado à Jota, é com Jorge Moreira da Silva - também antigo líder - que se cria a primeira UV.

Realizada na Pousada de Juventude de Almada, a UV inaugural foi coordenada por um dos nomes maiores da JSD, Gonçalo Capitão. Foi dedicada às ideologias e contou com Pedro Passos Coelho, Pedro Roseta, Paulo Portas, João César das Neves, Nuno Rogeiro e os falecidos Francisco Lucas Pires, Miguel Galvão Teles, José Freire Antunes e Diogo Freitas do Amaral. Uma formação com esta elite deveria dar créditos na faculdade...

Lembro-me que na minha primeira participação, já sob a liderança de Pedro Duarte, Nuno Rogeiro contou a anedota do camponês russo que pede desejos à Fada Madrinha. Essa fica para outra altura.

E lembro-me quando estive pela primeira vez na organização. Foi na edição de São Pedro do Sul, numa parceria com a Juventude Popular, aproveitando a ligação criada na coligação Barroso/Portas.

Mas o momento marcante que quero abordar é o comício de rentrée de Caminha, 2002. Era líder (e primeiro-ministro) Durão Barroso, cuja maior qualidade não era empolgar massas.

Ora, o problema de um comício que passa em prime-time nas televisões é o desequilíbrio de expectativa entre dois públicos: o auditório televisivo e a militância presente.

Enquanto o público doméstico quer ouvir propostas e sentir postura de estado, os fãs de bandeira em punho diante do líder querem soundbites e pancada na oposição. Um líder tinha de dar aos seguidores o sangue que agita bandeiras, rezando para que o público de casa - que só quer ideias - não mude de canal. E vice-versa: falar de ideias e economês, sem perder o entusiasmo dos aficionados, que dá cor aos diretos.

Mas Barroso, adepto do discurso sóbrio, não gostava do duplo registo a que um comício obriga. “Este modelo está esgotado!”, rugiu no final. E pediu ao Carlos Coelho que criasse uma escola de jovens quadros, como as do norte da Europa, que desse palco anual ao líder do partido. Daí faria um discurso sério para todo o país.

A opção pelo nome “Universidade de Verão” tinha um problema: era património da JSD. Com coragem, devido ao risco de ataques internos, mas também com visão, o Jorge Nuno Sá - que então liderava a Jota - aceitou partilhar a marca. Uma marca com a qual tenho o orgulho de colaborar desde o início.

Daniel Fangueiro, o presidente seguinte, dizia com graça que a UV era organizada por quatro instituições: a JSD, o PSD, o Instituto Francisco Sá Carneiro e o Carlos Coelho.

Subscrevo.

JSD LOOK & FEED



O QUE SE PASSA NAS NOSSAS REDES

Fica a conhecer quais os conteúdos que tiverem mais buzz este mês!



Acompanhe as nossas redes



AGENDA

A MUDANÇA ESTÁ NAS TUAS MÃOS

A nossa agenda para os próximos tempos: Vencer as Eleições Legislativas de 10 de março e virar a página com um Novo Governo para Portugal após 8 anos desastrosos de António Costa e Pedro Nuno Santos.

A JSD não faltará à chamada!

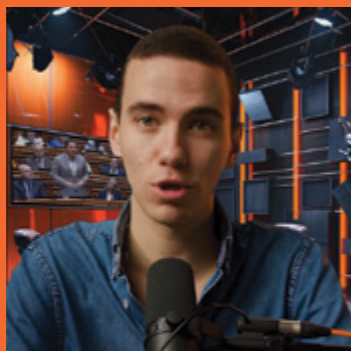


1687
O post com mais interações de janeiro

TOP 5 Conteúdos do mês



1171



1154



1108



874



ENSAIAR O FUTURO

O FUTURO DA ECONOMIA

Por Inês Domingos

O desafio que me foi lançado pelo Alexandre Poço e o Luís Nunes dos Santos para escrever sobre o futuro é sempre um exercício difícil para um economista, especialmente desde que o americano John Kenneth Galbraith disse em jeito de brincadeira que a única função da previsão económica é fazer com que a astrologia pareça respeitável!

Mas é uma crítica séria, e não só porque existem fatores exógenos, como os desastres naturais, guerras ou a pandemia, que são imprevisíveis. É que embora seja possível adivinhar hoje algumas tendências que nos permitem preparar para as oportunidades e para os desafios do futuro, sabemos que é difícil ainda assim antecipar muitos dos produtos, empregos ou até necessidades que teremos no médio e longo prazo, e que coisas nos deixarão de interessar. As redes sociais e os “smartphones” são exemplos recentes de produtos que na minha infância e adolescência eu nem sonhava que podia querer. Por isso, eu queria aproveitar esta oportunidade para propor uma reflexão ligeiramente diferente do habitual sobre as oportunidades e os desafios de três temas que têm preocupados os economistas (e não só!) nos últimos anos: a inteligência artificial, a segurança económica no contexto da globalização e a demografia.

Esta semana soube-se que o programa de inteligência artificial DeepMind conseguiu resolver problemas de geometria das Olimpíadas Internacionais de Matemática. É possível que num horizonte não muito longínquo possamos usar a inteligência artificial para resolver problemas que os

humanos ainda não conseguiram resolver ou até identificar problemas novos que nós ainda não imaginamos. Existem aplicações de inteligência artificial (IA) generativa para todos os gostos, desde “chatboxes” que respondem com sucesso a exames universitários, até ao desenvolvimento de um programa para interpretar a linguagem dos animais.

Estas inovações têm causado bastante preocupação sobre o futuro do trabalho. Os resultados de uma sondagem publicada esta semana no Fórum Económico Mundial em Davos mostram que mais de um quarto dos presidentes de empresas estimam que a inteligência artificial irá, já este ano, substituir pelo menos 5% dos empregos. As perspetivas no longo prazo são ainda mais impressionantes. Um estudo da OCDE de 2023 indica que a IA poderá substituir 27% dos empregos na próxima década.

É preciso acautelar estes riscos apostando na formação e na reconversão. No entanto, fala-se menos sobre dois aspetos que me parecem igualmente cruciais e mais positivos. Em primeiro lugar, é certo que no futuro muitos empregos se perderão, mas serão substituídos por outros que nem conseguimos ainda imaginar. Para além do mais, os ganhos de produtividade serão potencialmente enormes. Isto é, a maioria das pessoas poderá usar a inteligência artificial para acelerar e melhorar a qualidade do seu trabalho. Se for possível alargar o acesso à formação nestas novas tecnologias, os trabalhadores que atualmente têm menos qualificações poderão ser mais beneficiados. Por fim, os impactos sobre o trabalho terão provavelmente consequências para

“O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO É UMA TENDÊNCIA GLOBAL COM UM ENORME POTENCIAL DE DISRUPÇÃO.”

os sistemas de segurança social e fiscais, com mais incentivos para reduzir a carga fiscal sobre o trabalho ou inovar os sistemas de proteção social.

Outro tema que tem tido relevância mediática está relacionado com as crescentes preocupações de segurança, incluindo de abastecimento de produtos considerados imprescindíveis ou estratégicos, e que tem levado vários países e regiões a introduzirem medidas para limitar o comércio e o investimento internacional. A segurança alimentar há várias décadas que justifica um certo protecionismo na agricultura, que se poderá intensificar devido chantagem da Rússia. Durante a pandemia essa preocupação foi visível nos bens de proteção individual. Atualmente é mais óbvio nas tecnologias “verdes” e nos bens e equipamentos necessários para a acelerar digitalização, incluindo os chips. Para fazer face a estas preocupações, os Estados Unidos aprovaram o Inflation Reduction Act e 2022, que, entre outras medidas, apoia a indústria automóvel nacional na produção de veículos elétricos e limitou consideravelmente as exportações para a China e os investimentos em bens tecnológicos considerados estratégicos. Na União Europeia, existe desde 2019 uma lei que exige uma verificação prévia dos investimentos estrangeiros em setores considerados estratégicos.

As preocupações de segurança são naturais, considerando que estamos a viver duas guerras que envolvem indiretamente vários países e continentes. No entanto, a globalização mais acelerada das últimas três décadas teve dois

efeitos muito positivos: reduziu a pobreza absoluta mundial para mínimos históricos e apoiou a transição democrática em vários países, incluindo países do Sul da Europa como Portugal. Ao introduzir limitações ao comércio e investimento internacionais por razões de segurança, temos também de considerar o que podemos estar a perder. E este é um debate que simplesmente não existe.

Por fim, o envelhecimento da população é uma tendência global com um enorme potencial de disrupção. Na maioria dos países avançados é visto como um problema por causa dos custos potenciais para a segurança social e para os sistemas de saúde, bem como pela diminuição da população ativa no médio prazo. Mas existem vantagens que são raramente referidas. Desde logo é positivo as pessoas viverem mais tempo e com melhor qualidade. Mas existe também um enorme potencial para os governos saberem aproveitar melhor as capacidades das pessoas na idade de reforma, permitindo que continuem a contribuir com a sua experiência e o seu trabalho de uma forma mais flexível. Nos países em desenvolvimento, a redução da natalidade e o aumento da longevidade poderão ter um efeito chamado dividendo demográfico, isto é, uma situação em que a população ativa aumenta relativamente à população mais jovem, o que pode aumentar o crescimento económico, e ter um efeito de redução nas migrações para os países avançados. Apesar dos grandes desafios destas três tendências, será preciso ter a mente aberta para reconhecer as suas oportunidades.



RETRATO DE UM PROUST ENQUANTO JOVEM



Bruno Bessa
Coordenador Autárquico Nacional da JSD

1) Almoçar todos os dias para o resto da vida com André Ventura ou com Mariana Mortágua?
Com nenhum. Não há almoços grátis.

2) Gostaria mais de ver regressar ao PSD Isaltino Morais ou Pedro Santana Lopes?
Gostaria mais de ver por cá os filhos e os netos deles.

3) Qual o mal menor: Pedro Nuno Santos ou José Sócrates?
Nessa equação não há mal menor, só há mal.

4) Qual o melhor autarca do PSD na atualidade?
O Presidente Silva Tiago.

5) Ser presidente do seu município em 2025 ou no próximo governo PSD ser Sub-Secretário de Estado sob tutela de um Vice-Ministro que por sua vez era tutelado por um Ministro-Adjunto?
Ser alguém que contribui para o nosso bem coletivo e que intervém de forma livre e consciente, representando a nossa geração, seja onde for.

6) Se houvesse um referendo para mudar o nome da "Ponte 25 de Abril" e as duas únicas alternativas no boletim de voto fossem "Ponte Otelo Saraiva de Carvalho" e "Ponte António de Oliveira Salazar", em qual votaria?
Votaria em branco e procuraria mobilizar os portugueses para uma nova iniciativa de referendo.

7) Belém 2026: um ex-presidente do PSD, um ex-primeiro-ministro PSD, ou ex-presidente de um partido com o qual o PSD já esteve coligado?
Não sei se para Belém tem de ir sempre um ex...

8) Melhor e pior líder de sempre do PSD?

O Prof. Aníbal Cavaco Silva, pelos resultados eleitorais obtidos e a capacidade de transformar o país, é uma referência enquanto líder do partido.

9) Melhor e pior líder de sempre da JSD?

Tenho muito orgulho no passado e ainda mais confiança no futuro.

10) Votou no seu presidente da secção do PSD?

Sim.

11) Se um governo PS o convidasse para ser presidente da TAP e fazer com ela o que quisesse aceitava?

Nem por 3.2 mil milhões de euros.

12) Três deputados do PSD na AR: um para almoçar para o resto da vida todos os dias, um para partilhar casa durante um ano e um para fazer um retiro espiritual durante um mês no Tibete. Justifique.

A Assembleia da República foi dissolvida... fica para uma próxima legislatura.

13) Olhe para o telemóvel: Qual a primeira pessoa do PSD que aparece na sua lista telefónica?

António Fernando Oliveira e Silva

14) Olhe para o telemóvel: Qual foi a última pessoa do PSD com quem trocou uma mensagem no Whatsapp?

O Presidente da Junta de Freguesia

15) Momento Mourinho: Qual a sua cadeira de sonho no PSD?

Nos dias de hoje, ser militante de base do PSD é um privilégio que nos valoriza enquanto cidadãos atentos e preocupados com a nossa comunidade. Essa é a minha cadeira de sonho e não a trocava por cadeiras mais à esquerda ou à direita para, eventualmente, manter outra.

FAZER A DIFERENÇA

A JSD no Parlamento – Balanço das iniciativas legislativas

Na XV Legislatura, que agora termina, a JSD apresentou mais de 30 iniciativas legislativas para melhorar a vida dos jovens portugueses, entre Projetos de Lei e Projetos de Resolução. Desde os rendimentos até à habitação, passando pela ciência, educação, ensino superior, trabalho, ambiente, natalidade, desporto, saúde, emigração e cultura, quase todas as iniciativas apresentadas pela JSD foram chumbadas pelo PS. Entre estas, destacamos o choque fiscal nos salários, através da aplicação de uma taxa máxima de IRS de 15% para os jovens, e o pacote da habitação, que compilou iniciativas para a compra da 1.ª casa, arrendamento jovem e alojamento estudantil.



A JSD no Parlamento – Balanço da Fiscalização ao Governo

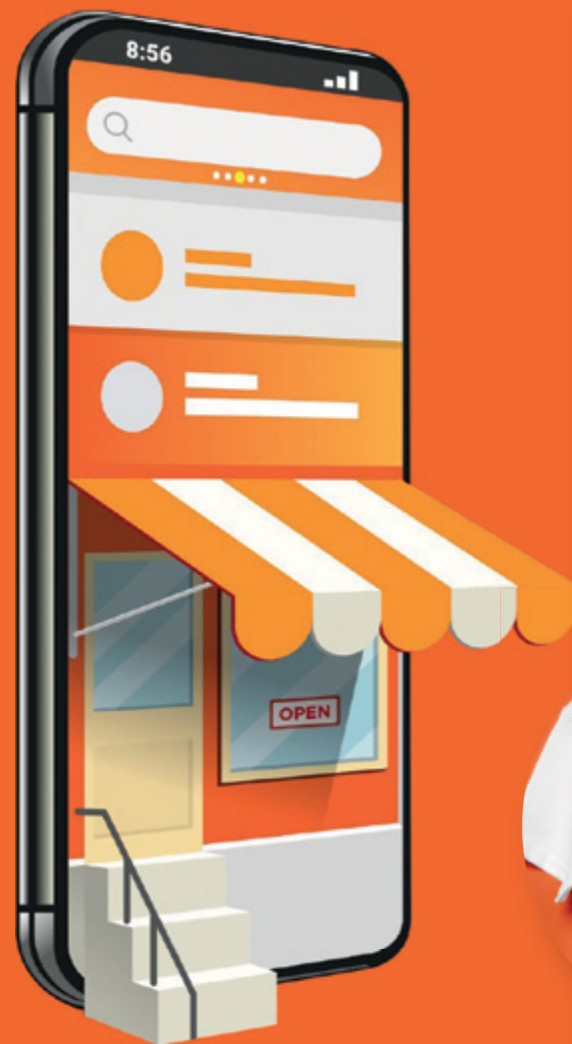
Nesta XV Legislatura, a JSD não deu descanso e fiscalizou a ação do Governo através da realização de mais de 30 audições ao Governo e do envio de mais de 10 perguntas e requerimentos escritos, em áreas como a Educação, o Ensino Superior, a Habitação, a Saúde Mental, a Economia, o Trabalho, a Cultura, o Desporto, a Defesa, a Agricultura e a Coesão Territorial.

A JSD no Parlamento – Balanço das intervenções em Plenário

Na XV Legislatura, a JSD levou a plenário, em mais de 40 intervenções, vários temas e preocupações das novas gerações. Através das intervenções dos seus deputados, a JSD não só apresentou e defendeu as suas principais medidas e iniciativas legislativas, como também contribuiu para colocar o foco político e mediático do Parlamento em assuntos que impactam a vida de todos os jovens.



LOJAJ



A LOJA OFICIAL DA JSD JÁ ESTÁ ONLINE!

É verdade, todo o merchandising que estavas à procura já está disponível na nossa loja online. Mostra a tua verdadeira cor com fantásticos itens que podes comprar para ti ou para oferecer a pessoas muito especiais.



Saco de Linho #1



Saco de Linho #2

Mais produtos e mais novidades todos os meses!



Almofada de Praia



Caderno de Notas



Meias



A Democrata



Acede à nossa loja em www.lojajsd.pt

A DEMOCRATA

FAZ JUS AO SEU NOME.

É DE ABRIL, MAS É MUITO DE NOVEMBRO.

É PÚBLICO QUE É MAIS O INDEPENDENTE.

É UMA PEDRADA NO CHARCO.

USUFRUÍ DO ATREVIMENTO PRÓPRIO DA JUVENTUDE.

É QUENTE OU FRIA, NUNCA MORNA.

PREFERE SER POLÉMICA A SER CHATA.

PREFERE A INICIATIVA PRIVADA À PRIVAÇÃO
DE LIBERDADE ECONÓMICA.

É ATLANTISTA E EUROPEÍSTA. MAS NÃO É ESTÚPIDA.

DESPREZA MOSCOVO, MAS RESPEITA O POVO.

É PLURAL. DENTRO DO POSSÍVEL.

É UMA REVISTA. O AVANTE É UM MISSAL.

NÃO É A IRMÃ MAIS NOVA DO POVO LIVRE.

É PAGA PELO PARTIDO, MAS NÃO É VENDIDA AO PARTIDO.

FICA, AS LIDERANÇAS DA JOTA PASSAM.

É LARANJA QUE DÓI.

TEMOS PENA.